



## **O Papel da Mídia Cidadã no Combate ao Racismo<sup>1</sup>**

**Stefania da Silva Cardoso<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Este artigo traz concepções sobre o papel dos meios de comunicação enquanto veículos de abordagem de temas como preconceito, racismo e discriminação racial, bem como o de orientar e esclarecer sobre as ações dos movimentos negros e das chamadas políticas de ações afirmativas, sendo a mais conhecida delas as cotas raciais para ingresso de alunos afrodescendentes nas universidades do nosso país. A apresentação de tais medidas à sociedade brasileira sem os devidos cuidados de mostrar o todo, causou mais que polêmica, fomentou uma hostilidade ainda maior entre classes e etnias em um país que por ser miscigenado, afirma-se uma democracia racial.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Mídia. Cotas. Preconceito. Racismo. Sociedade.

---

<sup>1</sup> Artigo científico submetido à V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

<sup>2</sup> Funcionária Pública Federal na Petrobras Distribuidora;  
Bacharel em Comunicação Social pela USC e Especialista em Comunicação pela UNESP- FAAC



## 1. Introdução

O papel da mídia, como o próprio nome diz, é servir de meio, de mediador entre os sujeitos que estão envolvidos em um determinado processo, no caso aqui restringido à comunicação e os indivíduos relacionados sendo os integrantes da sociedade brasileira.

Ao serem os portadores das notícias e demais mensagens produzidas e emitidas pelos integrantes de uma sociedade, os chamados veículos de comunicação gozam de credibilidade e angariam uma atenção que os privilegia em detrimento de outros emissores da própria sociedade, e por vezes autores ou personagens dos temas retratados por tais meios.

Entretanto, nem sempre este poder, conhecido como o “Quarto Poder”, em uma alusão à composição que a mídia faria perante às nossas reconhecidas instituições empoderadas pelo sistema democrático: Executivo, Legislativo e Judiciário, é utilizado de maneira ética, coerente e educativa.

A função educativa da comunicação deveria ser primordial (GUARESCHI e BIZ, 2004)<sup>3</sup>, pois embora tais veículos sejam de posse de pessoas jurídicas legamente constituídas, mesmo a mídia impressa que atua com mais independência já que não é utilitária de concessão do estado, diferente dos meios eletrônicos (rádio e tv), prestam um serviço público e por ele deveriam ser mais responsabilizados.

O impacto que suas transmissões causam são de proporções incalculáveis, e um bom exemplo são as polêmicas a respeito das cotas reservadas para que afrodescendentes possam acessar de maneira mais igualitária o ensino superior em nosso país.

Apenas as tais cotas, já em avançado estágio de aprovação e implantação pelo estado, foram lançadas a público, como sendo elas única exclusivamente um subterfúgio para que negros independente de mérito, passassem à frente de não negros nas tão disputadas vagas dos bancos acadêmicos.

Sabendo da extrema competitividade que assola vestibulandos, e da desinformação que já é inerente aos brasileiros quando o assunto é o passado escravocrata, o negro hoje, o racismo e desigualdade, era tragédia anunciada que tal tema exposto fora de um contexto mais amplo, trouxesse à tona uma história mal resolvida.

---

<sup>3</sup> GUARESCHI, P. E BIZ, O. **Mídia, educação e cidadania**: tudo o que você deve saber sobre mídia. Petrópolis: Vozes, 2004.



Tivemos, recentemente, a oportunidade de acompanhar pelas mídias sociais, um debate acalorado que teria ocorrido no seio da Universidade de São Paulo, entre militantes do movimento negro e alunos brancos. O mesmo teria iniciado pela inconveniência da interrupção de uma aula que os ativistas utilizaram para convidar a todos a um debate, mas que logo caminhou para o cerne da questão: desigualdade. E revelou muito mais que gostaríamos de ver: o profundo desconhecimento entre brasileiros, irmãos de uma mesma pátria que ainda se hostilizam.

Poderíamos como simplórios propagar tal vídeo no intuito de desmerecer os jovens negros, ressaltando com tintas de censura sua agressividade e insistência, bem como seu rancor em relação aos que ofereciam resistência aos seus apelos. Mas isto seria cerrar a inteligência para acontecimentos reais que marcaram aqueles jovens e se repetem a todo momento sob nossa indiferença polida.

Também seria viável atacarmos puramente à alienação com que os alunos brancos respondem às reivindicações dos militantes, como se tais brancos elitizados fossem o agentes diretos do sistema que perpetua e ignora a precária situação que os antes escravizados hoje cidadãos brasileiros, são tratados no Brasil. Na verdade são apenas consequências.

Contrariando a indignação geral, pode se ver o belo em pessoas tão jovens que não mais se calam, e se manifestam sem falsos pudores, seja para reivindicar direitos seja para proferir palavras que denunciem sua ignorância, indiferença e egoísmo. Mais belo ainda que aconteça no palco da construção do conhecimento, outrora berço em que se acalentava o que hoje consideramos democracia: a Universidade de São Paulo.



## 2 Desenvolvimento

Nossa ignorância, tem início nas etnias que formam nossa atual identidade ( Gomes e Munanga, 2006) <sup>4</sup>, pois nossa educação é eurocêntrica, mesmo com toda a bagagem africana trazida e incorporada em nosso cotidiano.

Além do modelo educacional ser embasado em um conceito europeu de pedagogia, as linhas de estudo, os pensadores e o discurso vigente, implícito e explícito, são voltados para a Grécia antiga, Roma e outros países do velho continente. A África, reconhecidamente berço da nossa civilização, é sempre o sujeito passivo da história, e suas contribuições religiosas e culturais, ainda que presentes em países como o Brasil, não são assumidas e trabalhadas como deveriam.

O reflexo de tal modelo educacional na imprensa é o mesmo, e dada à credibilidade da mídia, já mencionadas anteriormente, o que não é veiculado passa a não integrar o nosso repertório, perpetuando assim o mal sucessivamente em todas as gerações.

A repercussão do sistema de cotas da maneira como foi jogado à opinião pública, distorceu, para grande parte das pessoas, a sua real necessidade e importância, soando protecionismo e não uma reparação da disparidade étnica racial.

O processo da própria aceitação enquanto miscigenado e/ou afrodescendente é um desafio ao nosso povo, mas algo que já demonstra ter tido início. Embora longe da maturidade, como aponta a comparação feita pelo IBGE <sup>5</sup>, entre as pessoas que se declaravam negras no Censo de 2000 e o aumento delas nos resultados obtidos em 2010.

Existe, ainda que pequeno, um embrião de identidade étnico e racial que está trazendo a tona um racismo silencioso culpado por acarretar pouca estima por si, por sua história e etnia entre os próprios afrodescendentes.

---

<sup>4</sup> GOMES, L.Nilma. E MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Ação Educativa, 2006.

<sup>5</sup> [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd\\_2010\\_caracteristicas\\_populacao\\_domicilios.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf). Acesso em 30-03-2015.

A implementação de vagas destinadas aos negros, é apenas a ponta do iceberg que políticas de ações afirmativas propoem e realizam no âmbito da busca de isonomia entre os cidadãos de um país. Entretanto ganhou status de única e exclusiva ação, sem a necessária apresentação dos estudos que levaram a tal medida, e sem nenhuma perspectiva do que tal ação representa a médio e longo prazo em termos de avanço do país como um todo.

Argumentos contrários à tal política citam como exemplo expoentes negros e sua capacidade de superação justificando com isto a desnecessidade de cotas para os realmente esforçados. Mas aqueles que empregam e propagam tais afirmações não usam a criticidade necessária para se aprofundar no abismo entre a quantidade de pessoas afrodescentes do Brasil contra a escassa representividade que elas tem nos meios acadêmicos ou em posições de destaque obtidas às custas de ensino superior. Esta disparidade é um alarme de que embora a constituição reze igualdade, a prática ainda reflete o contrário.

Não existir uma proibição legal para que determinados grupos acessem um direito não é sinônimo de garantir-lhes acesso ao gozo deste direito. E o aumento de negros com curso superior após as cotas não contradiz a teoria de que nada estava dificultando antes? Apenas após esta medida eles tiveram interesse em graduar-se?

Aos que alegarem que foram movidos pela facilidade, peço reflexão quanto ao termo, pois não deve ser nada fácil sofrer duplamente agora ao preconceito, por ser negro e ainda por cima cotista. É preciso coragem.

Proporcionair maior acessibilidade aos bancos acadêmicos, entretanto, não significa combater o racismo, e pelas críticas observadas podemos até concluir que por vezes o aumenta. Ações afirmativas e leis tem gestão sobre comportamentos concretos ao passo que racismo está na mente e no inconsciente coletivo, e a maneira como é negado pelos brasileiros o torna um “crime perfeito” (Munanga) <sup>6</sup>, difícil de ser enfrentado.

O passado de escravidão, a maneira como foi abolida e o ostracismo com que os alforriados foram tratados pela nossa sociedade, criaram uma culpa coletiva mas não uma consciência real dos fatos. Entendermos que escravizar um povo é um crime idefensável contra a humanidade não nos garante um título de não racistas, e concessões atrasadas não podem ser a desculpa pelos equívocos ainda presentes.

---

<sup>6</sup> <http://www.revistaforum.com.br/blog/2012/02/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>. Acesso em 30-03-2015.



A maneira como a imprensa aborda todos estes temas, reforça a impressão de que vivemos em plena democracia racial, e por resultado temos não mais opressores ativos, agora substituídos por defensores da manutenção do status quo, apoiados no que Milton Santos (1995) <sup>7</sup> chamou de “racismo cordial”.

Em uma sociedade em que a mídia tem algo a dizer sobre tudo que nela ocorre (Thompson) <sup>8</sup> estranho é perceber quantas vezes permite que a população compare o racismo com o antisemitismo. Ambos terríveis e inaceitáveis, porém ao judeu facultava a possibilidade de assumir outro nome e tornar-se um cristão novo, ao passo que a pigmentação por melanina e traços étnicos são evidentes e imutáveis.

A desigualdade das relações e a hipossuficiência do negro perante seu algoz é cristalina, pois a etnia a que pertence o expoe, mas o racista se dissimula. As vítimas nunca sabem exatamente perante quem estão.

O ostracismo midiático que o negro passa hoje é fruto da mesma reação que o senhor de engenho que o libertou adotou no passado, lançando-o à própria sorte e preferindo incluir os imigrantes europeus (Fernandes, 1978) <sup>9</sup> na sociedade economicamente ativa da época. E ainda assim, eximindo-se de culpa por não mais explorar o trabalho escravo.

Para o autor acima citado temos preconceito em admitir que temos preconceito. Para nós marginalizar e discriminar é permitido e até compreensível, o que se recomenda é a não ostentação de tais ideologias.

A discrepância com que os meios de comunicação tradicionais funcionam quando o tema é preconceito perante a realidade, ficou ainda mais evidente com o fenômeno das redes sociais. Nelas, a construção do pensamento parte do indivíduo e de acordo com o alcance de seus contatos (nós), o discurso do eu é fomentado por seus afins e o movimento se torna cíclico e crescente (RECUERO, 2009) <sup>10</sup>. Só então temos o retrato da realidade de determinados grupos.

---

<sup>7</sup> <http://mauriciostycer.ig.com.br/2008/11/23/milton-santos-e-o-%E2%80%9Cracismo-cordial%E2%80%9D/>. Acesso em 30-03-2015.

<sup>8</sup> THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era da comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

<sup>9</sup> <http://www.blogger.com/post-create.g?blogID=5783893400966860931> - [ftnref4](#)FERNANDES, F. A. Integração do Negro na Sociedade de Classes. vol. 1 e 2. São Paulo: Ática, 1978. p. 20

<sup>10</sup> RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.



Daí então, para as mesmas notícias que a imprensa oficial dedicam apenas segundos ou notas de rodapé, ao buscar na internet temos um universo todo produzido e disponibilizado aguardando apenas o interesse e o raciocínio lógico de pessoas que buscam todos os lados da questão e os submetem ao seu censo crítico antes de tirar suas próprias conclusões.

A má notícia é que as massas preferem, por vezes serem conduzidas pelo senso comum ao invés filtrar, questionar e discordar do que se vende.

### **3 Conclusão**

A força dos meios de comunicação é inegável e a ética pede que cumpram sua função social e sejam de modo concreto uma prestação de serviço público, ainda que com fins lucrativos e de propriedade privada.

A construção de uma sociedade igualitária tem início na educação, e passa diretamente pela comunicação sendo que a mídia é sua interlocutora e tem muito mais a colaborar com a questão de preconceito racial ainda abafada por falsos pudores e hipocrisia.

Seu poder de alcance e credibilidade podem e devem ser utilizados para promover que medidas inclusivas embasadas nas ações afirmativas sejam amplamente divulgadas de maneira esclarecedora, e não apenas como uma ação isolada de impacto direto nos demais membros da sociedade, que por não serem afetados pelos problemas que ela visa combater, não estão aptos a julgar todas suas nuances.

Dentre os contrários às cotas raciais nas universidades podemos observar uma desinformação e desinteresse próprios de quem não está incomodado com o atual sistema e por isso deseja a manutenção do status quo, como se fosse possível viver com qualidade paralelamente aos anseios de uma população altamente representativa e não amparada pela sociedade em vive, produz e atua como ser social.

Feita por e para as pessoas do meio em que se localiza, a mídia precisa ousar e não colaborar com o senso comum simplista que foge de seu passado, suas culpas e preconceitos, simulando uma aceitação superficial das diferenças, que sequer sabe compreender.

O racismo é atitude reforçada pelo egoísmo de quem não está disposto à utilizar de empatia e sair de sua zona de conforto para entender as situações e reais motivos do outro.



Se em nosso passado escravocrata empurramos os libertos para os morros e periferias e trouxemos europeus para trabalho remunerado, afirmando após isto que o negro quis ser livre para não trabalhar, hoje exigimos que ele vença na vida sem assumirmos que existem sim impedimentos silenciosos para que ele consiga obter o mínimo necessário para tanto.

É esta mancha social que uma mídia comprometida com a cidadania precisa levantar à exaustão, para que possamos reconstruir um país em que de fato possamos nos orgulhar de vivenciar o que nossa carta maior declara.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, F. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. vol. 1 e 2. São Paulo: Àtica, 1978. p. 20

GOMES, L.Nilma. E MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Ação Educativa, 2006

GUARESCHI, P. E BIZ, O. **Mídia, educação e cidadania**: tudo o que você deve saber sobre mídia. Petrópolis: Vozes, 2004.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era da comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd\\_2010\\_caracteristicas\\_populacao\\_d\\_omicilios.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_d_omicilios.pdf). Acesso em 30-03-2015.

<http://www.revistaforum.com.br/blog/2012/02/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>. Acesso em 30-03-2015.





X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã

UNESP | FAAC | Bauru-SP | 22-24 de abril de 2015

---

<http://mauriciostycer.ig.com.br/2008/11/23/milton-santos-e-o-%E2%80%9Ccracismo-cordial%E2%80%9D/>. Acesso em 30-03-2015.

<http://www.blogger.com/post-create.g?blogID=5783893400966860931ftnref4>. Acesso em 30-03-2015.